

## Apresentação

# Questões, uma revista que nasce de diversas vozes...

Esta revista é resultante de vozes diversas, desde as objetivas, escutadas, até as subjetivas, que, como editores-organizadores, buscamos estruturar em dispositivo. Vem desde os primeiros encontros do GT de Epistemologia da Compós. Realiza-se, em parte, na Rede Crítica Epistemológica, financiada pelo Capes/Procad (a quem agradecemos reiteradamente). A Rede expressa a diversidade e o desafio de colocar em interlocução as diferenças (de percursos, de referências e de estratégias de seus interlocutores). Foi na Rede que, em 2011, em encontro na Universidade Federal de Goiás, o grupo local, do PPGCOM-UFG, trouxe a ideia da construção da revista.

Na Rede, exercitamos a escuta e a interação entre os pares. Assumimos a máxima de epistemólogos como Bachelard e Piaget de que a cooperação é central na construção do conhecimento. Descobrimos, também, que essa interação, quando acionada, é de desafios, especialmente num campo cujas referências disciplinares compartilhadas são múltiplas.

A revista, lembrando Gramsci, é um dispositivo organizador. A partir desse lugar, mobiliza dois fluxos centrais na configuração de qualquer campo (seja ele científico, de estudos ou pós-científico): o fluxo da integração de estruturas diversas de leitura do real compartilhado, incluindo aí a reflexão sobre qual real se trata; e, por outro lado, o fluxo de se constituir como referência pedagógica sobre seu objeto.

É essa a missão que assumimos perante a área. Colocarnos em interlocução e debate entre os pares, e trazer aos processos formativos uma relação de escuta que indique, aos outros e a nós, que é possível construir referências sobre o que é a comunicação a partir do diverso. Um pen-

samento comunicacional que se expresse em suas formas de interação.

A revista reúne em sua Comissão Editorial pesquisadores de cinco programas de pós-graduação: UFSM, PUC-SP, UFG, UFJF e UNISINOS. Esses pesquisadores têm funções precisas (ler Atribuições dos Editores com apoio consultivo do Comitê Editorial), constituindo-se em formato de cooperação entre programas de pós-graduação – em continuidade ao foco dos editais tipo Procad.

### Os artigos deste número

*João Carlos Correia* nos traz chaves que vão comparecer em todo este número (fenomenologia, memória e recepção). Utiliza para isso referências próprias (especialmente Schutz, Berger e Luckmann) para compreender como os dispositivos “estruturam a experiência e acrescentam memória à memória”, ao mesmo tempo em que a memória é categoria central para a compreensão de recepções “mediáticas” na perspectiva das práticas sociais. Ao articular o conceito de práticas e de recepção, Correia se aproxima de uma articulação ainda não finalizada nos estudos do norte (como pensar uma síntese entre as teorias da recepção do norte e as teorias dos usos?).

O artigo de *Adriano Rodrigues* acentua o caráter interdisciplinar requisitado pelo objeto comunicacional. Exige, por isso, uma formação em várias áreas de conhecimento (antropologia, sociologia e filosofia da linguagem são as que acentua). Em específico, argumenta no sentido necessário para a compreensão das interações verbais. Essa compreensão requer que se vá além da análise das estru-

turas da linguagem em si e solicita competências de reflexão sobre os “quadros enunciativos”, suas lógicas e regras, já visitadas pelas disciplinas convocadas para o estudo do comunicacional.

A perspectiva de que o campo da comunicação é constituído pelas diversas heranças que atualizamos está presente também em *Sandra Valdettaro*. Mesmo que vinculada à pesquisa sobre comunicação e semiótica a partir do conceito de Eliseo Verón, Sandra apresenta uma abordagem que caracteriza como transdisciplinar. Nessa perspectiva, o campo se alimenta de problemas e proposições de diversas disciplinas. Da sociologia (construção da sociedade dos meios e mediatizada), das tecnologias (convertidas em meios), da economia política (regulações dos meios), da sociologia das profissões, do discurso (onde se insere a problemática das gramáticas de produção e da recepção). Sua especificidade dependerá “de la modalidad del entrecruzamiento de distintas tradiciones teórico-epistemológicas”. O desafio está na origem do campo, o que impõe à área a convivência com “ênfoques teóricos y abordajes metodológicos que se alejan del paradigma clásico de la definición de ‘ciencia’”.

*Tiago Quiroga* desenvolve, ante uma realidade constatada como interdisciplinar, um conjunto de proposições e questões sobre as tensões entre o campo de estudos e as dúvidas sobre seu lugar disciplinar. Numa primeira esfera, problematiza o conceito de *campo* a partir de Bourdieu, identificando, na intersecção entre condições e disposições, a força desse conceito tão utilizado na área. Dessa referência, desloca-se para questões direcionadas a quais níveis poderiam definir a cientificidade do saber comunicacional, superando e se autonomizando diante do senso comum de onde retira parte de sua rede conceitual. Nessa perspectiva, a área enfrenta as fontes interdisciplinares, transformando-se em lugar de passagem. O encaminhamento de perguntas indica que Quiroga não se posiciona rumo a uma disciplina fundante (“É possível que a comunicação ancore a construção de sua autonomia justamente nessa característica interdisciplinar? Ou, ainda, estar-se-ia à procura de autonomia?”). Sua conclusão é mais definida no sentido da interlocução entre os pares, que é a metodologia crucial ao campo.

O mesmo operador semântico-cognitivo é utilizado por *Benjamim Picado*, questionando como “abordagens estéticas da comunicação nos auxiliam nos deslocamentos relativos aos parâmetros heurísticos da pesquisa em nosso campo”. Benjamim Picado contextualiza sua formulação sobre a estética no debate entre *Ciro Marcondes* e *José Luiz Braga* (publicado, parcialmente, na revista *Matrizes* 2010; 2011; 2012). Se, por um lado, Picado manifesta sua crítica ao conceito de comunicação que só ocorreria em situação “tão restrita”, por outro, mesmo afirmando o “ponto” para Braga, faz uma diferenciação entre o pensamento deste e o seu. Se, em Braga, a estética é localizada nos processos de interação e mediatização, em Picado (citando Parret),

a crítica se dirige ao paradigma que chama de “sociológico da interação discursiva”. Em seu lugar, propõe “o papel da *simpatia fusional e corporal*, das habilidades próprias a uma *racionalidade conjectural ou abduativa*, que emprega a normatividade dos princípios sempre em conexão com um sentido de *ocasionalidade e surpresa*”. Nessa perspectiva, Picado – assim como *José Luiz Braga* em seus textos – insere-se no debate sobre o campo oferecendo heurísticas que permitiriam avançar na construção de referências próprias no campo de estudos.

Numa bela coincidência, *Ciro Marcondes* retoma sua Nova Teoria, analisando de novo o cinema como comunicação, em diversas analogias com Deleuze. Duas de suas proposições acentuam a comunicação como uma forma específica de interação (não só porque se diferencia entre o à distância e o presencial): a) comunicação é “o acesso a coisas poderosas demais, injustas demais, belas demais que nos forcem a pensar, que nos desviam dos clichês. Comunicação, para ele, assim como para a Nova Teoria, é quebra, é violência”; b) “*a comunicação é uma afecção que desestabiliza a função cerebral de acoplamento a uma memória anterior, que seria tranquilizante. Ela cria memória*”. *Ciro* nos sugere a ruptura, inclusive cognitiva, que se inscreve na memória e nas interações.

O espaço de dúvida na área ganha, no artigo de *Lucrecia Ferrara*, um lugar especial, pois não se trata de buscar ancoragens de certeza, mas de assumir a dúvida como constitutiva do conhecimento contemporâneo. *Lucrecia* argumenta sobre a transição dos paradigmas das respostas e certezas à constituição em que as perguntas e dúvidas permitem à pesquisa reencontrar-se com a pesquisa como aventura, à medida que define os limites de suas conclusões, sendo essas passagens para novas possibilidades hipotéticas. Trata-se, nesse sentido, de uma epistemologia transversal, pós-científica, aberta à natureza e à cultura, às suas próprias descobertas, no confronto com o empírico e as perguntas que a pesquisa suscita. Isso produz alterações no campo de forças de produção de conhecimento. Emergem os pesquisadores, nesse campo, os que, por “teimosia”, continuam a perguntar e duvidar, constituindo um conhecimento da incerteza, responsável pela ciência pós-científica.

A problemática da incerteza é retomada por *Muniz Sodré*, num artigo contaminado pelo presente, no qual as instituições perdem sua legitimidade, produzindo-se uma indeterminação dos vínculos, que passam a ser regulados pelos mercados e pelas máquinas. Nem filosofia, nem ciências sociais são suficientes. É necessário “um novo modo de inteligibilidade sinóptica capaz de pôr em situação de diálogo as várias possibilidades de pensamento”. Elas entram, com a psicanálise, mas não bastam. O campo da comunicação surge aí como possibilidade de releitura, epistemológica, mas também artística e imaginativa. Ao integrar antigas formas de leitura em um novo, o campo da comunicação

sugerido por Sodré é uma ruptura com as formas anteriores de inteligibilidade, em que a crítica é um contínuo que vai da reflexividade moderna à reiteração de posições que agreguem valor ao vínculo, como resposta à incerteza e à indeterminação da criação. Sodré é outro autor (como Tiago) a acentuar a necessária interlocução entre os pares. Ler este presente com a filosofia e as ciências sociais clássicas pode embotar os raciocínios. Por isso, a necessidade de um novo intérprete-redescritor, que compreenda a comunicação mais como “hipóteses sobre” do que como teoria.

Nesse escopo, o foco são as epistemologias relacionais, em que diversas disciplinas são convocadas para a compreensão do processo em sistemas de inteligibilidade. Com isso, Sodré converte: de *carrefour*, de ponto de chegada, somos pontos de partida para novas leituras – epistemes centrais perante os desafios contemporâneos.

Enfim, as epistemologias em questão.

Jairo Ferreira – Editor  
Potiguara Mendes da Silveira Jr. – Co-editor